

O Outro como *Utopia* na Literatura Portuguesa Contemporânea ¹

FERNANDO ARENAS
Universidade de Minnesota

RESUMO: ESTE ESTUDO APONTA PARA UMA RECONFIGURAÇÃO DO PENSAMENTO UTOPICO EM ALGUMAS EXPRESSÕES DA LITERATURA PORTUGUESA, DESTACANDO A RECENTE OBRA DE JOSÉ SARAMAGO. HISTORICAMENTE, SARAMAGO TEM-SE COMPROMETIDO COM VARIADOS ASPECTOS DO IDEÁRIO DA ESQUERDA INTERNACIONAL. PORÉM, DADA UMA SÉRIE DE MUDANÇAS RADICAIS A NÍVEL MUNDIAL DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO, POLÍTICO E CULTURAL NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, A SUA OBRA APRESENTA MODALIDADES ÉTICO-POLÍTICAS ALTERNATIVAS QUE FOGEM À PRAXE TRADICIONAL DO SOCIALISMO DE ESTADO DURANTE O PERÍODO DA GUERRA FRIA.

RESUMEN: ESTE ESTUDIO APUNTA PARA UNA RECONFIGURACIÓN DEL PENSAMIENTO UTOPICO EN ALGUNAS EXPRESIONES DE LA LITERATURA PORTUGUESA, DESTACANDO LA RECIENTE OBRA DE JOSÉ SARAMAGO. HISTORICAMENTE, SARAMAGO SE VIENE COMPROMETIENDO CON DISTINTOS ASPECTOS DEL IDEARIO DE LA IZQUIERDA INTERNACIONAL. SIN EMBARGO, UNA VEZ QUE UNA SERIE DE MUDANZAS RADICALES A NIVEL MUNDIAL DEL PUNTO DE VISTA HISTÓRICO, POLÍTICO Y CULTURAL EN LAS ÚLTIMAS DÉCADAS, SU OBRA PRESENTA MODALIDADES ÉTICO-POLÍTICAS ALTERNATIVAS QUE HUYEN DE LA PRAXIS TRADICIONAL DEL SOCIALISMO DE ESTADO DURANTE EL PERIODO DE LA GUERRA FRÍA.

PALAVRAS-CHAVE: UTOPIAS, LITERATURA PORTUGUESA, ALTERIDADE, ÉTICA, JOSÉ SARAMAGO.

PALABRAS-CLAVE: UTOPIAS, LITERATURA PORTUGUESA, ALTERIDAD, ÉTICA, JOSÉ SARAMAGO.

¹ Este ensaio é uma versão atualizada e ampliada de alguns dos argumentos desenvolvidos no livro: ARENAS, Fernando. *Utopias of Otherness: Nationhood and Subjectivity in Contemporary Portugal and Brazil*. University of Minnesota Press, 2003.

O pensamento utópico tem sido historicamente uma das fontes mais ricas de imaginários que visam novas formas de ser e de estar enquanto comunidade humana na história da modernidade ocidental. No século XX, particularmente, houve uma profusão de projectos utópicos e distópicos que trouxeram à humanidade alguns dos maiores saltos qualitativos relativamente ao progresso tecnológico e sócio-cultural, assim como alguns dos seus momentos mais devastadores de sempre. No final do século XX, a fé no melhoramento da condição humana foi profundamente abalada. No entanto, apesar do cepticismo face às utopias, os grandes projectos utópicos ainda não deixaram de existir. De tal forma, o capitalismo global surge reforçado das cinzas do comunismo de Estado, apresentando-se como fronteira utópica final. Em resposta, têm-se desenvolvido múltiplos esforços em escala planetária de forma a construir uma “globalização alternativa” que faça frente à hegemonia do capitalismo neoliberal, propondo portanto, uma “contra-utopia” que leve em consideração questões relacionadas com justiça sócio-económica, protecção do meio ambiente e direitos culturais, entre outras. Contudo, do cepticismo perante os grandes projectos utópicos têm vindo a surgir pequenos imaginários utópicos que, sem desejarem transformar de modo absolutamente radical as macroestruturas sociais, tentam abordar questões existenciais e sociais a nível mais local que dizem respeito à sobrevivência da humanidade, tanto na esfera individual como colectiva. O meu livro, *Utopias of Otherness: Nationhood and Subjectivity in Portugal and Brazil* (2003) oferece uma análise em torno do lugar das utopias no mundo globalizado de hoje, apontando para uma reconfiguração do pensamento utópico em algumas expressões das literaturas portuguesa e brasileira. Os escritores considerados têm-se comprometido com diversas causas utópicas e/ou emancipatórias como a revolução marxista, libertação feminina ou a revolução sexual, entre outras. Porém, dada uma série de mudanças radicais a nível mundial do ponto de vista histórico, cultural e epidemiológico (no que diz respeito à SIDA) nas últimas décadas, as obras dos escritores em questão apresentam modalidades ético-políticas alternativas. Caio Fernando Abreu, Maria Isabel Barreno, Vergílio Ferreira, Clarice Lispector, Maria Gabriela Llansol e José Saramago privilegiam a relação com “o outro” que assume a forma de família, ser amado, comunidade (local, nacional e/ou global) ou o/a leitor/a. Eles/Elas sugerem de modo diferenciado que apesar do desgaste

das utopias que têm governado o imaginário humano no contexto nacional e transnacional na era contemporânea, há certos aspectos do pensamento utópico que ainda são necessários para a sobrevivência da humanidade. Por conseguinte, os vários autores estudados propõem novas modalidades de subjectividades e comunidades baseadas no compromisso ético e na solidariedade para com “o outro” a fim de construir uma existência mais “humana”. Aqui observa-se uma viragem das questões nacionais para questões pós-nacionais onde está em causa o destino da “cultura ocidental” ou da própria humanidade. Esta reconfiguração epistemológica humanística e pós-nacional assume um papel fundamental nos autores aqui estudados. Na nossa fala de hoje focalizaremos nas coordenadas epistemológicas da problemática em questão, assim como o contributo para a análise desta problemática na produção ficcional mais recente de José Saramago.

O interesse renovado pela literatura e pensamento utópicos nos últimos tempos revela um desejo contínuo de se pensar novos horizontes culturais e novas maneiras de conceber uma sociedade melhor na passagem do milénio, após o colapso do comunismo e diante da profunda insatisfação perante a economia de mercado como finalidade histórica. Um exemplo significativo desta tendência é a publicação da *História da utopia planetária* (1999) [*Histoire de l'utopie planétaire*], de Armand Mattelart, uma obra exaustiva que se debruça sobre as idéias de *utopia* que têm governado o imaginário ocidental desde o século XVI. Estas, segundo o autor, teriam sido impulsionadas pelo desejo de um planeta unificado, enfatizando a idéia de uma só humanidade sob a bandeira da Cristandade, bandeira essa que logo depois será substituída pela bandeira do Humanismo (ocidental). Mattelart argumenta que a globalização, em todas as suas vertentes a nível tecnológico, comunicacional, sócio-económico e cultural, seria a concretização mais completa de tal desejo. Entretanto, o *New York Times* (“Paradise Lost,” 2000) publicou uma longa matéria anunciando o lançamento de dois livros importantes que abordam sistematicamente a questão das utopias (*The Utopia Reader* e *The Faber Book of Utopias*). A revista *Magazine Littéraire* (Junho 2000), por sua vez, dedicou um número inteiro ao renascimento da *utopia*, incluindo os pontos de vista de escritores, filósofos, economistas, críticos de arte e *cultura*, e outros, coincidindo todos na crença de que as utopias continuam a ser necessárias, asseverando no entanto que elas devem ser pensadas numa escala menor e mais

humana. No seu ensaio “The Politics of *Utopia*” (2004), Fredric Jameson argumenta que, apesar de enfraquecida, só a idéia de *utopia* mantém viva a possibilidade de uma sociedade alternativa que pressuponha um programa político radical.² No entanto, na obra *Utopística* (1998), Emmanuel Wallerstein não defende as utopias em si, já que ele as considera “sementes de ilusões, e portanto, inevitavelmente de desilusões”. Em contrapartida, ele propõe “uma análise séria das alternativas históricas;” uma avaliação racional e mais realista dos sistemas sociais humanos e as suas limitações, assim como dos espaços abertos à criatividade humana, de tal forma, Wallerstein defende um termo mais prudente, isto é, “utopística.”

A despeito da desilusão ou cepticismo pós-modernos em relação às utopias a nível global, críticos e estudiosos (Holloway, Kumar, Manuel e Manuel, Mattelart, Ricoeur, Santos, Siebers, Simecka) concordam unanimemente na sua contínua necessidade e não no seu abandono. Entretanto, Hardt e Negri, na sua ambiciosa obra *Império* (2000) [*Empire*], propõem despudoradamente uma nova *utopia* global, mas desta feita, uma versão neomarxista e rizomática da *Cidade Terrestre*, que seria o resultado da reorganização e redirecionamento das forças opressoras e destrutivas da globalização (ou, em outras palavras, daquilo que os autores chamam de *Império*), a fim de liberar as forças criativas da “multidão” com o propósito de construir uma espécie de *contra-Império*.³

Sem dúvida nenhuma, o interesse, ou mesmo, paixão pelas utopias não parece ter-se esgotado. O pensamento utópico tem inspirado e continua a inspirar todas as disciplinas intelectuais e expressões artísticas. Escritores, escritoras, intelectuais de nações (pós-)industrializadas e em desenvolvimento têm continuado à procura e a propor novas e melhores possibilidades sociais. No mundo anglófono, por exemplo, existe uma longa tradição de ficção especulativa de cunho feminista desde o século XVII que propõe novos e

² Gostaria de agradecer Alex Lykidis por chamar a atenção para o ensaio de Jameson.

³ Tem surgido uma profusão de reações críticas contundentes à obra *Império* de Hardt e Negri a partir de vários quadrantes ideológicos, incluídos neo-marxista, pós-colonial e psicanalítico. Vide os artigos de Paul A. Passavant, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek, entre outros, na antologia crítica editada por Passavant, *Empire's New Clothes: Reading Hardt and Negri*.

2004. Assim como os artigos de Arif Dirlik e Timothy Brennan, entre outros, na edição da revista *Interventions*, 2003 dedicada à obra *Império*.

melhores mundos para as mulheres, assim como formas radicalmente novas de definir as relações entre os géneros masculino e feminino. Esta tradição tem sido historicamente ignorada pelos críticos da literatura utópica.⁴ Embora as definições que têm predominado historicamente em relação ao conceito de *utopia* estejam associadas a grandes visões de mundos inteiramente novos –sejam feministas ou não– que ganham forma literária a ponto de podermos falar sobre um género de literatura utópica de grande profusão, o conceito de *utopia* proposto aqui distancia-se até certo ponto das definições canónicas. O conceito proposto diz respeito a visões micro-utópicas marcadas por um sentimento de anseio e esperança, características das representações literárias das “boas utopias,” junto a um sentido de necessidade e urgência de mudar a natureza das relações humanas. De tal maneira, a fundamentação ética da relação com o outro na prática da vida quotidiana constituirá a base de “visões micro-utópicas” actualizadas e mais humanas. Desta forma, sob um ponto de vista filosófico privilegiam-se as noções de “alteridade”, “diferença”, o relacionamento ético com o outro ou as hipóteses renovadas de co-pertença enquanto comunidade humana (Levinas, Lyotard, Derrida, Agamben). Em termos políticos, maior ênfase é dada a modos micrológicos de teorização da sociedade e mudança social em vez de contemplar a transformação, em larga escala, das macroestruturas sociais. Do ponto de vista cultural, temos o surgimento no “discurso da esfera pública” (Jameson) de uma grande variedade de grupos organizados em base a diversos aspectos da subjectividade humana que têm sido historicamente negligenciados ou marginalizados tais como o género, a sexualidade, a raça e a etnia, entre outros, e isto tem repercussões importantes em todas as esferas da sociedade (economicamente, politicamente, etc). Estas mudanças epistemológicas têm tido efeitos decisivos no âmbito da literatura contemporânea, assim como em outras expressões artísticas. Aliás, podemos argumentar que há de facto uma relação simbiótica entre estas mudanças e o campo cultural e artístico.

Os escritores contemplados no livro *Utopias of Otherness*, apesar de não estarem interessados em desenvolver anteprojectos ou estabelecer paradigmas

⁴ Para uma abordagem substancial sobre a literatura utópica feminista em língua inglesa, ver a resenha de Susan Gubar, “Feminism and Utopia”, 1986.

para uma nova sociedade, exploram os parâmetros ontológicos e éticos subjacentes à relação com o “outro”, na forma de um ser amado, família, comunidade ou o “leitor/a”. Os parâmetros deste relacionamento revelam um parentesco directo com a “antropologia filosófica” de Bakhtin onde ele avança seus conceitos do ser e “dialogismo” através dos quais o outro assume um papel existencial chave. Para a maioria daqueles autores, o relacionamento com o outro não aparece só como microcosmo de uma dada sociedade nacional, mas também da humanidade em geral, e torna-se a estrutura para a construção de uma vida individual e colectiva mais decente.

O privilegiar do “outro” como horizonte ontológico primário, ético e político na literatura e na filosofia aqui discutidas, indica o seu surgimento como fronteira utópica de crucial importância dentro da *cultura* global contemporânea. Podemos descrever este fenómeno como a “*utopia* da alteridade” ou a “*utopia* do outro”. Dada a exaustão, o enfraquecimento ou a relativização das utopias do marxismo, do cristianismo, dos nacionalismos, ou da globalização (ou o seu corolário, a economia de mercado), resta-nos a humanidade como fundamento ontológico primário de fé e esperança. De tal maneira, a *utopia* da alteridade situa-se entre a condição de ser um princípio absoluto e a condição de se encontrar radicalmente fragmentado em uma miríade de pequenas narrativas e instâncias relacionadas que descrevem e/ou governam a condição humana contemporânea. O outro – delineado pelos escritores que são objecto deste estudo – apresenta uma ampla constelação de significados desde uma variedade de seres individualizados ou colectivos a relações incidentais incorporadas nas figuras do amante, da família, do amigo, do colega de trabalho, da comunidade, da nação, da humanidade, do “leitor/a” ou do acto da escrita ou de leitura. A questão da alteridade torna-se uma peça fundamental numa reflexão em curso relativamente ao estatuto ontológico da literatura, aos actos da escrita e de leitura, assim como à relação simbiótica entre a vida e a escrita.

Dadas as limitações de tempo, o resto da nossa fala de hoje centrar-se-á só na obra recente de José Saramago. Como se sabe, partir dos anos noventa, a obra de Saramago atravessa uma mudança significativa no foco temático, passando de um contexto nacional para um horizonte pós-nacional, onde observamos existências marginalizadas que adquirem contornos humanos que desafiam especificidades nacionais. Em *Ensaio sobre a cegueira*, um ro-

mance perturbador no qual a sociedade humana é subitamente acometida por uma epidemia de cegueira, cada pessoa é misteriosamente “contaminada” a um ponto onde a sociedade desmorona material, institucional e emocionalmente. Tendo em vista estas circunstâncias extremas, os protagonistas tornam-se no mais absolutamente outro de si próprios, levando-os à autodestruição ou a uma transformação radical onde é necessário forjar elos de profunda solidariedade com seus/suas companheiros/as para a sobrevivência. O romance de Saramago aparece como uma alegoria devastadora da condição humana na passagem do milénio, onde têm surgido vários cenários apocalípticos localizados em lugares nos quais a solidariedade humana desapareceu quase completamente ou onde a razão deixou de ser um factor determinante nas relações humanas (por exemplo, Ruanda, Bósnia, Kosovo, Congo, Timor, Sudão, entre outros). No romance *Ensaio sobre a cegueira* a única personagem que retém a sua visão é a mulher do médico, tornando-se metaforicamente na única fonte restante de lucidez num mundo a implodir.

A tragédia que acontece aos protagonistas deste romance leva à sua desumanização paulatina onde cada indivíduo perde as camadas –socio-económicas, profissionais, culturais, ou de idade ou género– que informam o seu ser. Mulheres e homens são reduzidos a uma existência tão precária onde a sobrevivência torna-se a única razão de existir. O evento catastrófico de cegueira universal produz um nivelamento das diferenças onde os seres humanos tornam-se iguais nas suas qualidades animais, o que implica a atenção às necessidades fisiológicas básicas tais como comer, dormir, urinar e defecar. *Ensaio sobre a cegueira*, aliás, frisa os aspectos escatológicos da existência humana na medida em que reflecte sobre o significado último da vida à beira da autodestruição apocalíptica, ao mesmo tempo em que os seres humanos são condenados literalmente a viverem física e espiritualmente no meio do seu próprio excremento.

O exemplo mais dramático do colapso da razão e da dignidade humana de conseqüências devastadoras é a cena da violação em massa das mulheres protagonistas que são vitimadas pelos cegos delinquentes em troca de comida que eles estão a monopolizar na camarata do complexo onde todos os cegos se encontram internados em regime de quarentena. O romance afirma peremptoriamente que a violação neste caso equivale à violação da humanidade toda. Saramago salienta a dimensão inexoravelmente colectiva dos trágicos eventos

que se desenrolam em *Ensaio sobre a cegueira*, inclusivamente o mais ignominioso dos crimes. O escritor argumenta que deste trauma colectivo poderá surgir uma transformação profunda na consciência humana junto com um sentimento renovado de comunidade para o bem da humanidade. Nas suas conversas com Carlos Reis (*Diálogos com José Saramago*, p.150), Saramago fala da necessidade de responsabilidades humanas e não somente de direitos humanos. Ele refere-se aqui às obrigações perante o outro e à necessidade de solidariedade entre os seres humanos em geral. A angústia que permeia o romance *Ensaio sobre a cegueira* origina-se da percepção de que a crueldade da humanidade para com a humanidade é ainda desmedida no limiar do século XXI.

No romance *O homem duplicado* (2002), Saramago oferece ao leitor um olhar mais íntimo sobre as questões colocadas no *Ensaio sobre a cegueira*, onde a noção de solidariedade é posta severamente em causa. Em *O homem duplicado*, um homem trintão semi-anónimo descobre a *realidade* concreta da existência do seu duplo absoluto. O romance, pois, será palco de uma busca detectivesca realizada pelo protagonista Tertuliano Máximo Afonso, daquele que ele descobre ser literalmente o seu duplo, que mora na mesma cidade. O clímax tem lugar quando os homens duplicados se encontram cara a cara. Nesta altura, a *realidade* de um sócio torna-se insuportável para os dois indivíduos em questão, criando um profundo desassossego existencial, como resultado do colapso das suas identidades individualizadas e “únicas.” Saramago parece sugerir que apesar das circunstâncias fatídicas –por implausíveis que pareçam, pelo menos no mundo actual– o desfecho final deste impasse encontra-se nas mãos dos homens. É a aparente falta de vontade, ou mesmo, incapacidade por parte dos homens duplicados de co-existirem como iguais que leva à sua queda final (pelo menos no caso de um deles). Da mesma forma, Saramago aponta para uma dinâmica de género onde aspectos vinculados a uma competitividade masculina (heterossexual) desenfreada e machista tende a exacerbar a sua potencial autodestruição. Esta situação é postulada, mesmo a nível metafórico, como ironia trágica radical onde a igualdade decorrente da semelhança torna-se intolerável: “mas o pior de todos os ódios deve ser aquele que leva a não suportar a igualdade do outro, e provavelmente será ainda pior se essa igualdade vier a ser alguma vez absoluta” (299).

Apesar do pessimismo profundo por parte de Saramago frente à condição humana, o seu desejo de alargamento da democracia e da justiça social pre-

valece apesar de tudo. De facto, no seu romance *Ensaio sobre a lucidez* (2004), a democracia, como instituição e constelação de valores e crenças dominantes no contexto da modernidade ocidental, encontra-se em perigo iminente. No contexto da globalização neoliberal sob a hegemonia do império americano, o aparente laço inextricável entre democracia e capitalismo é hoje mais do que nunca um detrimento para a saúde da democracia em si, onde os partidos políticos já não oferecem verdadeiras alternativas à cidadania. No romance *Ensaio sobre a lucidez*, a maioria dos votantes numa sociedade não identificada, toma o destino nas mãos ao votar em branco em números extraordinários. Este movimento espontâneo e anárquico tem como resultado a recusa em massa do status quo, paralisando de tal forma o sistema político. Em resposta, o governo no poder adopta medidas autoritárias a fim de sufocar aquilo que, paradoxalmente, considera como uma ameaça ao estado democrático. Aqui, Saramago questiona a verdadeira profundidade da democracia liberal, na medida em que aponta para aquilo que Giorgio Agamben define (citando Karl Löwith), como “a curiosa contiguidade entre democracia e totalitarismo,” no contexto da análise agambeniana em torno da “politicização da vida” e da transformação da política em “biopolítica,” como resultado da simbiose entre vida biológica e vida política [*Homo Sacer*, p. 120-21]. No *Ensaio sobre a lucidez*, Saramago traz de novo à ribalta as personagens do *Ensaio sobre a cegueira*, quem anos atrás tinham sofrido mas também sobrevivido à misteriosa epidemia de cegueira, após serem postos em quarentena e eventualmente deixados ao deus dará quando a sociedade em que vivem sofre o colapso total. Agora, eles são acusados pelo governo de incitarem a conspiração “antidemocrática.” Apesar do seu desfecho terrivelmente trágico, o *Ensaio sobre a cegueira* re-injecta a noção do popular no sistema democrático em decadência, defendendo o potencial emancipatório por parte da “multidão,” uma figura conceitual utilizada por Michael Hardt e Antonio Negri, cujo impulso utópico é amplamente compartilhado por Saramago.⁵

⁵ Enquanto o conceito de “multidão” postulado por Michael Hardt e Antonio Negri pressupõe uma rede transnacional heterogénea de trabalhadores, imigrantes, movimentos sociais, etc, que juntos formariam uma frente unida de cara aos estados, empresas multinacionais e organizações internacionais que constituem o cerne da globalização hegemónica (ou Império), a “multidão” postulada por Saramago é um

Enquanto sob perigo de se ver neutralizado pela estrutura de poder autoritária, paternalista e monopolizadora, a “multidão” também pode reunir as condições a fim de desafiar o sistema político em crise de estagnação profunda e re-direccionar os seus objectivos para fins verdadeiramente democráticos.

José Saramago junto com os autores portugueses e brasileiros analisados no nosso estudo *Utopias of Otherness*, coincidem nas suas definições da subjectividade como algo inseparável do relacionamento com o outro. Este relacionamento torna-se a razão da escrita, ao mesmo tempo em que o acto de escrever proporciona uma razão para viver. A literatura produzida por este grupo heterogéneo de escritores dramatiza a noção de que o nosso destino em termos existenciais e sócio-políticos tanto a nível colectivo como individual está inextricavelmente ligado a um sentido de responsabilidade ética em relação ao outro. Esta noção constitui uma fronteira utópica última assim como um supremo arauto de esperança.

movimento espontâneo, amorfo e anárquico de cidadãos em massa que subvertem o quadro dominante de política eleitoral ao votarem em branco ao ponto de paralisarem o sistema vigente. Esta situação-limite é a tentativa por parte de Saramago de intervir simbolicamente numa crise política que exige mudança tanto a nível nacional como global. Ambas as versões de “multidão” são impulsionadas por intenções políticas e esperança utópica comuns. Ver as obras de Hardt e Negri. *Império* [Empire], 2000 e *Multidão* [Multitude], 2004.